

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO

O RAP ALÉM DO PALCO

JOSÉ RICARDO FONSECA POYARES JARDIM

SÃO PAULO
2020

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO

JOSÉ RICARDO FONSECA POYARES JARDIM

O RAP ALÉM DO PALCO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do Professor *Mr. Daniel De Thomaz*

ORIENTADOR: Professor Mr. Daniel De Thomaz

SÃO PAULO
2020

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de José Ricardo Fonseca Poyares Jardim.

QR Code:



Link para o Youtube:

<https://youtu.be/Lw8zZK79KjU>

Postado em: 26/10/2020

O RAP ALÉM DO PALCO

Resumo: Este trabalho quer explorar as diferentes relações de artistas de Rap com a cultura do gênero para entender o significado e a importância do movimento para os integrantes. Afim disso, me aprofundei em três diferentes perspectivas proporcionadas por entrevistados com o objetivo compreender a atual multifaciedade do Rap. Encontrei conexões entre eles, ilustradas através de suas músicas, e realizei o documentário. O produto “O Rap Além do Palco” não busca uma explicação específica ou uma resposta direta, abrindo espaço para reflexões dos entrevistados sob a dimensão do gênero no campo emocional e social, fugindo apenas da esfera musical.

Palavras-chave: jornalismo; rap; cultura; documentário; entrevista.

Abstract: This work wants to explore the different relationships of Rap artists with the culture of the genre to understand the meaning and importance of the movement for the members. In order to do so, I deepened into three different perspectives provided by interviewees aiming to understand the current multi-faction of Rap. I found connections between them, illustrated through their music, and made the documentary. The product “O Rap Além do Palco” does not seek a specific explanation or a direct answer, opening space for the reflections of the interviewees under the dimension of the genre in the emotional and social field, fleeing only from the musical sphere.

Keywords: journalism; rap; culture; documentary; interview.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| Introdução | 8 |
| 1. Referencial Teórico | |
| 1.1 RAP..... | 11 |
| 1.2 Documentário..... | 12 |
| 1.3 Documentário Expositivo..... | 13 |
| 1.4 Jornalismo Cultural..... | 14 |
| 2. Planejamento da Peça | |
| 2.1 Linguagem..... | 15 |
| 2.2 Fontes e Formação da equipe..... | 17 |
| Considerações Finais | 18 |
| Roteiro | 20 |
| Referencial Bibliográfico | 22 |
| Anexos | 24 |

Introdução

Este projeto embasa a realização de um documentário que explore a relação entre o Rap e os artistas do gênero, entrando a fundo na maneira com que cada um expressa seu comprometimento com o ritmo. Através de entrevistas e depoimentos irei analisar o engajamento dos artistas com o movimento Hip Hop, buscando entender o motivo da persistência em suas carreiras. O documentário trará três entrevistados, ou seja, três perspectivas diferentes. O recorte utilizado será em grande parte nas periferias de São Paulo, no Capão Redondo e Jardim São Luís, na zona sul da cidade. Um dos entrevistados não mora em São Paulo, o que explicita outro ponto importante do recorte – eles são músicos que não se sustentam com sua arte.

O Rap, sigla que significa “ritmo e poesia”, nasceu nos guetos de Nova Iorque na década de 1970, no bairro do *Bronx*. Chegou ao Brasil na década de 80. O Rap faz parte da cultura Hip Hop, formada por 4 elementos - o MC (mestre de cerimônia), o DJ, o *break* e o grafite. O gênero foi criado através do contato cultural entre imigrantes jamaicanos, latinos e americanos residentes do Bronx. O movimento teve seu desenvolvimento atrelado às manifestações culturais e raciais que ocorriam nos EUA, como '*Black is Beautiful*' e '*Black Panther Party*'.

Um produto consolidado na atual indústria fonográfica brasileira, ficando atrás apenas do Funk e do Sertanejo, o Rap contém dentro de si vertentes que se diferem em quase todos os aspectos musicais e simbólicos. Hoje é o gênero musical mais ouvido do mundo. Flutua fora das periferias e se tornou *mainstream*.

O entrevistado residente do Capão Redondo é o *rapper* Samuca. Já o representante do Jardim São Luís é o MC Braille. Para ampliarmos a perspectiva para outro elemento da cultura Hip Hop, o terceiro entrevistado será o DJ Zarif, residente de Boituva.

O produto musical é interessante e vendável, porém polaridades surgiram de maneira muito forte nos últimos anos - a briga entre o Rap “raiz” e o Rap comercial. O chamado Rap “raiz” ainda se concentra em grande parte nas periferias, afinal os discursos sociais ainda persistem e são necessários para os mais humildes. Já o Rap comercial acumula acessos na internet abordando assuntos rasos, como drogas e festas.

Muitos separam o Rap entre esses dois rótulos – citando a aproximação do mercado musical como catalisador deste processo. A credibilidade do *underground*

não sofre impacto, porém artistas perdem seu público. Buscamos entender a importância do Rap na vida dos artistas. Questionar por que “o Rap é compromisso”.

A partir disso, a pergunta problema do trabalho é: um documentário em vídeo será capaz de evidenciar as diferentes formas de comprometimento e as motivações que levam os artistas do *underground* a persistirem em uma carreira no Rap?

O objetivo principal deste trabalho é realizar um documentário que mostra o envolvimento pessoal de MC's ou artistas que não conseguem se sustentar através da música com o Rap. Entendermos a importância do movimento para os indivíduos que o compõem e fomentam sua cena musical - independente das diferenças de idade, estilo, ou história de vida.

Os objetivos secundários deste trabalho são buscar músicos que se enquadrem no padrão pensado para o projeto. Estudar formas de documentário. Explorar técnicas de entrevistas - a fim de fazer a abordagem correta para pessoas de diferentes classes sociais.

Os primeiros encontros de Rap na cidade de São Paulo ocorreram em 1983, na estação São Bento do metrô e na Galeria 24 de Maio, onde nomes como Nelson Triunfo, Pepeu e Alam Beat se juntavam para dançar break – novidade na capital. Grandes referências como "Racionais Mc's" e "Facção Central" passaram muito tempo se esquivando das grandes mídias - com a ideia de que o Hip Hop era um instrumento contra a alienação em massa. Essas ações aumentaram mais o sentimento de bloqueio entre o público e a mídia.

Hoje em dia o panorama é outro. O público não está mais restrito a uma única classe social. Porém o Rap provoca um sentimento de afirmação no indivíduo, aumentando sua autoestima - o MC pode contar sua história em um meio onde a sua experiência é entendida como conhecimento.

O jornalismo é conhecido por seu compromisso com a verdade. Através deste documentário quero trazer os espectadores para dentro da esfera do Rap – para que os mesmos entendam como realmente funciona a engrenagem que move a cultura Hip Hop em São Paulo. Além disso, em paralelo com o jornalismo cultural, mostrarei a história de personagens desconhecidos que lutam diariamente pela chance de viver pela arte no Brasil. A apresentação do mundo *underground* para o público é importante para o trabalho – informá-los que as músicas famosas são apenas a ponta do *iceberg*. O jornalismo tem a função de levar conhecimento ao público, este produto servirá para que as pessoas possam entender porque o Rap cresce até

hoje, e os artistas do gênero desenvolvem uma relação tão forte e pessoal com o ritmo.

O *underground* luta pelo poder de fala e a liberdade de expressão, assuntos de extrema importância para a periferia e o país. O Rap e a mídia, mesmo com seu crescente contato, nunca abordaram esta questão de transição de estilos ou até mesmo o próprio compromisso com o ritmo – explorando menos ainda o movimento *underground*, que é, e sempre foi a base do ritmo.

Para a realização prática de um projeto onde os artistas possam se expressar de verdade, é importante abordá-los em um local onde se sintam confortáveis – seus bairros ou seus espaços de trabalho. Os MC's serão acompanhados para filmagens de algum show ou gravação, e ditarão o ritmo do conteúdo. Acompanhá-los durante um dia é uma maneira para evidenciarmos o envolvimento pessoal entre artista e arte. Estas imagens serão gravadas com a finalidade de transmitir os cenários onde o movimento Hip Hop se encontra - a identidade da cultura passa pelo local onde ela reside. Por se tratar de um gênero musical, e para apresentar os artistas que serão entrevistados, seus próprios trabalhos serão utilizados na trilha sonora depois de acordos sobre os direitos autorais.

Durante a idealização do projeto foram utilizados documentários para a concretização do produto e aproximação ao formato pensado – como por exemplo O RAP PELO RAP (2015), dirigido por Pedro Fávero. O documentário é o meio que permite esta mescla entre o sentimento de uma imagem e a força do áudio. Os diversos documentários sobre Rap nos colocam no meio acontecimento, nos fazem nos dentro da roda de conversa, dentro do dia a dia do artista.

Os livros lidos são de autores como Alessandro Buzo, que já escreveu muitas obras sobre Rap, como por exemplo Hip Hop: Dentro do Movimento. Outras referências pesquisadas abrangem uma estética mais didática e reflexiva, como a dissertação Hip Hop: educação e poder: o rap como instrumento de educação (MESSIAS, 2008), que expande o Hip Hop para o campo da educação, como instrumento de formação informal. É importante abordarmos e entendermos o movimento do Rap, não apenas o gênero musical.

1. Referencial teórico

1.1 RAP

Segundo Silva (1998) o rap é um gênero musical que ao longo dos anos 90 integrou-se à experiência juvenil nos bairros periféricos de São Paulo. Ele afirma que o Rap é o elemento que melhor representa a cultura Hip Hop - ao analisar os três elementos (englobando o DJ e o MC em uma mesma esfera). Completa dizendo que o DJ e o MC são dois campos que carregam traços inscritos na tradição africana - ressaltando a importância da oratória crítica e livre para o desenvolvimento e para a legitimidade do Rap. Segundo Silva (1998) o Rap, portanto, surge nas ruas e fala na linguagem das ruas. O autor diz que muitas palavras tiveram seus significados transformados durante esta aproximação com o Rap e a periferia - ele afirma que elas se tornaram recursos linguísticos para que o espectador entre no mundo do artista.

Tornam-se parte integrante da estética do Rap, do conjunto de ideias que se pretende expressar através da arte. A realidade expressa poeticamente nos termos do grupo encontra eco no plano do sensível. Gera identificação, pois é entendida como parte de um diálogo entre iguais. (p. 205)

Este autor afirma que a exclusão social e a discriminação, juntamente à noção social das “zonas de guerras”, colocam o Rap como um gênero musical poético, dependente de sua abordagem para o entendimento. Segundo Silva (1998) o “poder da rima” tem sido exercido a fim de fazer significar uma totalidade complexa que é o social através de palavras, frases e sons que a traduzam.

Segundo Rocha et al. (2013), a manifestação artística do Rap possibilita para quem o produz uma transição entre um ser espectador, e um ser atuante em sua própria história - tornando o Rap uma ferramenta para a explicação do seu conhecimento. O fato do artista se abrir e expor seus sentimentos dentro uma base instrumental configura a identidade social e étnica do gênero.

De acordo Rocha et al. (2013) ao serem motivados por disseminar o conhecimento da cultura, muitos jovens têm a ansiedade de expressar o que sentem através da música.

O Rap enquanto um estilo musical aflora essa ansiedade de significado e da significação para o jovem, e isso ocorre de forma gradativa, de um modo que a cada passo, no sentido da cultura musical, percebe-se uma emersão da virtude que o faz se enxergar como um ser social e conseqüentemente com

ações distantes dos vícios que os tornam vítimas das mazelas sociais. (ROCHA et al., 2013, p. 2)

Silva (1998) comenta sobre o vasto mercado que o ritmo conquistou aos longos dos anos, e como pequenos símbolos são cada vez mais conhecidos, a ponto de se internacionalizarem. Ele afirma que este é o poder da música – ela é uma linguagem universal para os jovens. O paralelo entre o conceito de identificação social com o gênero musical Rap pode ser visto diariamente nas ruas.

Independentemente das fronteiras linguísticas e geográficas, a música tem sido utilizada como meio capaz de aproximar as experiências juvenis. Assim, gêneros como o rap, o funk, o soul, o rock ou o reggae, deixam de ser expressões apenas “dos outros” e se inscrevem na realidade local. (SILVA, 1998, p.9)

Buzo (2010) discorre sobre o impacto tecnológico que o meio do gênero sofreu nos últimos anos, afirmando que as informações circulam com mais velocidade, e conseqüentemente um maior número de parcerias e formatos podem ser utilizados dentro do Rap. Ele também afirma que enxerga a internet como facilitadora. Conta que a realidade do meio é outra, afinal os primeiros passos para a consolidação da cultura no Brasil já foram dados. Hoje é um gênero importante para o Brasil, com representatividade e incentivos.

Mas hoje o rap está fortalecido. O Ministério da Cultura criou, por exemplo, o Prêmio Cultura Hip-Hop para dar suporte financeiro a muitos projetos que merecem. O rap não é moda. Não existe moda que dure mais de vinte anos. O público que o rap perdeu nos últimos anos para o funk carioca, por exemplo, nas periferias de São Paulo, vai voltar em dobro com o que está por vir. O rap vai abraçar a juventude que está aberta para o que é bom. (BUZO, 2010, p. 16)

1.2 Documentário

Segundo Labaki (2015) até agora consideramos integrantes da categoria documentário todos os filmes feitos a partir de “material natural”. O autor afirma que acredita que os materiais e as histórias extraídos da realidade bruta podem ser melhores (mais reais num sentido filosófico) do que as obras encenadas. De acordo com Labaki (2015) estamos numa nova arte, num novo campo de expressão, de criação humana, portanto é difícil dar uma definição, de fato, para o documentário.

Segundo Nichols (2001) os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos.

Manuela Penafria fala sobre o surgimento e a concretização do produto documentário. Segundo Penafria (1999) Dziga Vertov e Robert Flaherty, autores de obras como “Um Homem com uma Câmera” e “Nanook, o Esquimó”, abriram caminho para a identidade do filme documentário e do documentarista. Ela afirma que com o tempo ficou claro que o documentarista deveria propor um filme que essencialmente diga respeito ao que tem existência fora dele - no mundo.

O impulso de registrar o mundo é essencial para o documentário e, mais concretamente, para o documentarista. A câmara de filmar sai do estúdio, vai de encontro ao mundo. As imagens, o principal material do filme, são recolhidas *in loco*, e os actores são as próprias pessoas, sendo, portanto, actores naturais, e o cenário é o próprio meio ambiente em que vivem. (PENAFRIA, 1999, p. 4)

O documentário tem uma ligação muito forte com o cinema. Ambos partem dos pressupostos da representação visual, seguindo passos como definição de planos, locações, pós-produção e iluminação - porém se diferem na hora do compromisso com a verdade. O documentário, involuntariamente ou não, conta com uma manipulação, mesmo que leve, por parte do diretor. O jornalismo é um meio no qual essa linha é melhor desenhada. Este autor afirma que ao contrário do jornalismo clássico, a parcialidade e a subjetividade são dois artifícios bem vindos no mundo dos documentários.

Enquanto o jornalismo busca um efeito de objetividade ao transmitir as informações, no documentário predomina um efeito de subjetividade, evidenciado por uma maneira particular do autor/diretor contar a sua história. Por isso dizemos que o documentário é um gênero essencialmente autoral. (MELO, 2013, p. 28)

1.3 Documentário Expositivo

Segundo Labaki (2015) nós podemos dizer que o documentário é uma representação emocional de fatos. O espectador pode tentar ser objetivo, mas não o diretor. O documentário expositivo, de acordo com Nichols (2001):

Agrupa fragmentos do mundo histórico numa estrutura mais retórica ou argumentativa do que estética ou poética. O modo expositivo dirige-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história. (NICHOLS, 2001, p. 142)

A criação de um elo entre o que está sendo mostrado em tela no produto final, e o espectador é um ponto importante. A narração serve como guia para o público. Segundo Nichols (2001), o comentário com voz-over parece literalmente “acima” da disputa; ele tem a capacidade de julgar ações no mundo histórico sem se envolver nelas. A aproximação do público com o documentário é evidenciada por este tipo de ação.

Para cada documentário, há pelo menos três histórias que se entrelaçam: a do cineasta, a do filme, e a do público. De formas diferentes, todas essas histórias são partes daquilo que assistimos quando perguntamos de que se trata um certo filme. (NICHOLS, 2001, p. 93)

Segundo Silva (1998) o som associado à imagem dos videoclipes possibilita uma nova forma de comunicação entre os jovens localizados em diferentes metrópoles mundiais. A comunicação por vídeo é mais usual em todo o mercado da música. A junção entre o som e a imagem transcende o impacto que ambos têm individualmente. De acordo com Nichols (2001, p. 143) “os documentários expositivos dependem muito de uma lógica informativa transmitida verbalmente. Numa inversão da ênfase tradicional do cinema, as imagens desempenham papel secundário.” Um vídeo bem feito propõe outros sentidos a música já feita, e engrandece a obra final.

Em um documentário expositivo a narração é de extrema importância - uma vez bem feita, é transmitida uma sensação de credibilidade, neutralidade e indiferença. As imagens sustentam o conteúdo. Em um documentário expositivo, é usual a utilização da montagem de evidência - um estilo que preserva a continuidade. Imagens de apoio que complementam o argumento do entrevistado têm preferência, e sacrificam muitas vezes a sequência temporal de uma entrevista.

1.4 Jornalismo Cultural

De acordo com Rigolon (2016), o jornalista cultural precisa produzir narrativas sem estar dentro das regras de mercado. A grande imprensa apenas reporta, divulga e analisa superficialmente os produtos culturais. Porém Rigolon adiciona que o jornalista precisa quebrar este paradigma, completando que a cultura pode ser objetificada - culminando em menos estímulo por parte do produto sobre o público.

A função social de reflexão sobre as obras culturais é um papel importante do jornalista que escreve sobre cultura, com intuito de democratização do conhecimento. Essa perda da reflexão nos textos pode acabar com o princípio primordial desse profissional que deveria levar ao público questionamentos e provocações. (RIGOLON, 2016, web.)

Segundo Anchieta (2009) uma das grandes características do jornalismo cultural é a reflexividade - é o que o difere dos outros estilos, enquanto alguns editoriais apenas noticiam os fatos, o jornalismo cultural promove uma análise crítica sobre o ocorrido.

Enquanto o caderno de Economia, de Cidades, de Política irá noticiar as práticas, o jornalismo cultural irá fazer uma reflexão sobre essas práticas em suas críticas e crônicas, o que fica claro quando observamos os gêneros textuais consagrados nessa editoria que são a crítica, a resenha e a crônica. Todas marcadas pela opinião e pelo posicionamento reflexivo sobre as práticas sociais. (ANCHIETA, 2009, p. 6)

De acordo com Golin e Cardoso (2009) talvez, por isso, perpassa no jornalismo cultural uma maior liberdade em relação à linguagem utilizada, permitindo-se a utilização de recursos mais criativos, estéticos ou coloquiais, dada a ligação afetiva que se estabelece entre o jornalista e os seus leitores.

Segundo Siqueira e Siqueira (2007) o jornalismo cultural bebe nessa fonte ao buscar levar a um público agora muito mais amplo, heterogêneo e preocupado com a velocidade, informações sobre o campo artístico: artes cênicas (dança e teatro), música, artes plásticas, literatura. O jornalismo cultural tem forte importância na aproximação e entendimento do público com qualquer tipo de arte. Segundo Rigolon (2016), apenas quando o jornalista se apropria do assunto e dá voz a outras linguagens artísticas ele consegue interferir na dinâmica das pessoas e influenciar positivamente os leitores.

2. Planejamento da Peça

2.1 Linguagem

A idealização do documentário “O Rap Além do Palco” nasceu no ano passado, a partir da vontade de produzir um documentário que falasse sobre o gênero, porém que mostrasse mais de perto o movimento e o envolvimento dos artistas que compõem a cena do Hip Hop. Criar em um documentário, um produto que aborde as questões técnicas, sociais e pessoais sobre um artista de Rap.

A partir deste primeiro pensamento optei por chamar três personagens do *underground* - que não se sustentam através da música - que tem estilos e contextos totalmente diferentes para falar sobre a mesma coisa - o compromisso com o Rap. O objetivo foi mesclar estas três visões diferentes em um único produto, criando conexões entre elas. A partir desta técnica nós entendemos qual é a motivação dos artistas para seguirem cantando. Porque o Rap é compromisso? Não existe apenas uma resposta para essa pergunta, e é isso que este trabalho explorou, diferentes perspectivas sobre o que é o Rap, e o que significa estar dentro desta cultura.

De maneira geral, pode-se afirmar que o dispositivo narrativo é um fator que impulsiona a história, e de forma natural não irá guiar apenas o projeto visualmente, mas sua linguagem também. A função do dispositivo pode ser sintetizada em uma frase - são agentes narrativos ou elementos que guiam e unificam os fios da história.

Levando em conta as diferenças entre os entrevistados, a escolha do “compromisso” como dispositivo é justamente a tentativa de contar a história por um ponto-de-vista alternativo, que reflita sobre os sentimentos dos personagens em relação ao gênero, e não se prenda a algo material que limite a expressão dos entrevistados. Apesar das diversas diferenças, seja no campo musical ou até mesmo pessoal, os protagonistas caminham essencialmente na mesma estrada - a da persistência.

A introdução do documentário é feita com um voice-over. Para criar um espectro de interpretação sobre o Rap, também para aqueles que não conhecem muito sobre o movimento, optei por começar com a pergunta: “Quando eu falo em Rap, o que passa na sua cabeça?”. Após algumas linhas, e me apresentar como Zef, MC do grupo Elo Urbano, damos início a viagem para “O Rap Além do Palco”. Depois de mostrar os diferentes pontos-de-vista que o Rap pode ter, eu faço uma finalização em um formato parecido com a introdução. Porém, após três diferentes formas de amor ao Rap e três diferentes formas de enxergar o movimento, eu refaço a pergunta: “E agora, quando eu falo em Rap o que vem na sua cabeça?”.

A linguagem que o documentário buscou transmitir, na construção deste material, é uma que se assemelhe à que enxergamos ao redor das culturas urbanas. O Rap, proveniente das periferias e das ruas, tem uma linguagem específica, predominante informal - sem concordância, regada de gírias e respeitando os costumes linguísticos do gênero e dos bairros periféricos. As escritas do logo e dos

gráficos também seguiram a linhagem urbana - com referências a cultura do pixo e do grafite.

Utilizei algumas técnicas para ilustrar as informações ditas e trazer dinamismo para o documentário. Uma delas foram trechos de músicas e clipes dos artistas logo após falas dos mesmos, para mostrar ao público como a visão de mundo desses personagens pode ser demonstrada através de suas músicas. As imagens de apoio foram fundamentais para ilustrar as histórias, shows, localizações, porém elas também aproximam o público dos entrevistados - é importante vê-los em ação para entender o que se passa por trás dos palcos. A trilha sonora do documentário foi produzida por mim, que utilizei instrumentais de Rap para darmos um ritmo para o produto, além claro das faixas dos artistas.

2.2 Fontes e Formação da equipe

Este documentário foi feito pela NOV Filmes, produtora audiovisual da qual sou sócio. As câmeras e luzes são todos equipamentos da produtora. Não utilizei microfone de lapela, pois os áudios foram captados com microfones condensadores, criando assim um clima mais próximo ao de um estúdio de gravação.

Os três entrevistados são: o MC Braille, um jovem negro nascido e criado na periferia da zona sul de São Paulo, mais precisamente no Jardim São Luiz. O MC Samuca, de 43 anos, nascido e criado no Capão Redondo. E o DJ Zarif, jovem morador de Boituva, interior de São Paulo.

Eu sou MC há 6 anos, me apresento como Zef no meio musical, e já trabalhei com todos eles. Samuca é meu sócio no grupo Elo Urbano, enquanto Braille e Zarif já participaram de alguns singles e projetos que desenvolvi. Por conhecê-los a abordagem foi simples e eles toparam participar.

O primeiro entrevistado foi o DJ Zarif. Fui até Boituva, no pequeno estúdio dele, acompanhado de um outro câmera e realizamos o primeiro material. A conversa foi tranquila e produtiva. A entrevista foi aliada às imagens de apoio gravadas no dia, e outros materiais de clipes e shows do DJ.

O segundo entrevistado foi o MC Braille. Eu o convidei para gravar no meu estúdio. Como imaginado, a entrevista foi mais uma vez super tranquila e se tornou uma conversa. Realizei esta gravação sozinho. Posterior as gravações, eu o acompanhei à seu bairro e gravei algumas imagens nas ruas perto de sua casa para

usar como apoio. Também pedi para ele vídeos de apresentações, além de videoclipes.

O último entrevistado foi o MC Samuca. A conversa foi mais uma vez prazerosa. Eu realizei a entrevista sozinho, na minha casa. Após o fim da conversa, juntei diversos clipes de trabalhos e projetos já feitos pelo Samuca para utilizar como ilustração de suas falas.

A estruturação do produto final foi o próximo passo. Foram algumas horas de decupagem e edição. Todos eles exploraram assuntos diferentes. O DJ Zarif tem uma visão mais próxima dos negócios, também por ser o único que não cresceu na periferia, analisando o Rap como movimento e produto, além das dificuldades que ele passa - morar em Boituva, onde o Rap é muito fraco, e ser DJ, um dos pilares que está cada vez menos presente no Rap. A ligação entre Zarif e os outros entrevistados está na importância pessoal e sentimental que o Rap tem para ele. Braille traz uma perspectiva clássica para o Hip Hop - um jovem negro criado na periferia. Para ele, o Rap nasce como necessidade de expressão, reivindicação social, entre diversos outros pontos. Já Samuca apresenta um pouco dos dois olhares, o Rap dentro e fora da periferia, como produto e como instrumento de reivindicação. Apesar de ter 43 anos enquanto Zarif e Braille são jovens, ele acumula muitas histórias de vida, e só através do Rap conseguiu enxergar um caminho melhor para seguir.

Considerações Finais

Este projeto agregou muita bagagem a minha caminhada acadêmica. Desde o início do curso eu buscava a oportunidade de realizar um produto profundo sobre o Rap. Através deste trabalho de conclusão de curso, consegui ter o prazer de realizar mais um documentário e passar por todas as fases de produção, além de aliar as minhas três profissões - produtor audiovisual, músico e jornalista.

Ao ver este produto pronto, percebo a relevância que ele tem para os espectadores do Rap, e o potencial de proximidade e empatia que ele gera para os que não são muito familiarizados com a cultura. O Rap está quebrando barreiras e aos poucos se tornando o gênero musical mais escutado no Brasil e no mundo. O prazer de trabalhar com uma cultura urbana me possibilita explorar e conhecer cada vez mais a periferia paulistana e seus moradores. Além de tudo, este documentário

me deu a oportunidade de exemplificar a minha carreira musical em um produto jornalístico - um filme que une as pessoas de diferentes cores, passados e bairros através de uma coisa só - a arte.

“Um documentário em vídeo será capaz de evidenciar as diferentes formas de comprometimento e as motivações que levam os artistas do *underground* a persistirem em uma carreira no Rap?” Respondendo a pergunta problema, eu acredito que sim. Este material me esclareceu ainda mais a particularidade da perspectiva sob o movimento do Hip Hop. Cada um enxerga o Rap do seu modo, o Rap significa uma coisa diferente para cada. Porém, o compromisso é o ponto em comum entre eles, o amor e o estilo de vida prevalecem nos diferentes cenários.

Por fim, fico muito feliz com o resultado do projeto e a profundidade do tema - graças às reflexões e sinceridade dos entrevistados. Superei os obstáculos impostos pela COVID-19, além das muitas dificuldades, e consegui realizar o produto da maneira que gostaria. O ciclo da faculdade está acabando, porém pude fechar com chave de ouro, unindo o que eu mais gosto - Rap e cinema - em produto jornalístico. O Rap está dominando o mundo, e me sinto realizado não só por fazer parte do movimento *underground*, mas também por proporcionar a plataforma para expor mais vozes e opiniões. O Rap além do palco é rico e amplo - o Rap é compromisso.

Roteiro

| | IMAGEM | ÁUDIO |
|--------|---|--|
| Cena 1 | <p>Apoio:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Periferia - Equipamentos de Rap (Microfone, caderno) - Videoclipes de Zef - Trechos de clipes de Braille, Samuca e Zarif | <p>Depoimento de abertura Zef (Mic. Condensador) Trilha sonora</p> |
| Cena 2 | <p>Entrevista com o DJ Zarif Ambiente: Estúdio Apoio:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Shows em outras cidades - Videoclipes - Cenas e closes tocando - Músicas | <p>Entrevista e depoimento (Mic. Condensador) Trilha sonora</p> |
| Cena 3 | <p>Entrevista com Samuca, MC do grupo Elo Urbano Ambiente: Cômmodo vazio Apoio:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentações - Videoclipes - Closes - Documentário "Transformando Vidas Através do Jiu-Jitsu" | <p>Entrevista e depoimento (Mic. Condensador) Trilha sonora</p> |
| Cena 4 | <p>Entrevista com o rapper Braille Ambiente: Estúdio Apoio:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Videoclipes - Músicas - Shows - Cenas na periferia | <p>Som ambiente Interação do acontecimento Trilha sonora</p> |
| Cena 5 | <p>Apoio:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Zarif tocando (Closes) | <p>Depoimento de conclusão Zef (Mic. Condensador)</p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <ul style="list-style-type: none">- Cena de interação de Samuca com Zef- Cena de interação de Braille com Zef | |
|--|--|--|

3. Referencial Bibliográfico:

ANCHIETA, Isabelle. Jornalismo cultural: por uma formação que produza o encontro da clareza do jornalismo com a densidade e a complexidade da cultura. In: AZZOLINO, Adriana Pessatte (org.). **Sete propostas para o jornalismo cultural**. São Paulo: Miro Editorial, 2009. p. 53-68.

BUZO, Alessandro. **Hip-hop: Dentro do Movimento**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010.

GOLIN, C.; CARDOSO, E. Cultural journalism in Brazil: academic research, visibility, mediation and news values. **Journalism**, Londres, v. 10, n. 1, p. 69-89, 2009.

GUZMÁN, Patricio. **Filmar o que não se vê: Um modo de fazer documentários**. São Paulo: Edições Sesc, 2017.

LABAKI, Amir (Org.). **A Verdade de Cada um**. São Paulo: Cosac & Naify, 2015. 288 p.

MELO, C. **O documentário como gênero audiovisual. Comunicação & Informação**, v. 5, n. 1/2, p. 25-40, 13 maio 2013.

MESSIAS, Ivan dos Santos. **Hip Hop : educação e poder : o rap como instrumento de educação** – Salvador : EDUFBA, 2015. 204 p.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2005. Tradução de: Mônica Saddy Martins.

NUNES, Brunella. **Demos um rolê a pé para retomar a história do hip-hop em SP**. Disponível em:

<<https://www.hypeness.com.br/2016/05/roteiro-hypeness-role-a-pe-retoma-a-historia-do-hip-hop-em-sp/>>. Acesso em: 10 maio 2016

OLIVEIRA, R. C. **Rap e Política: Percepções da vida social brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2015.

O RAP PELO RAP. Direção de Pedro Fávero. São Paulo: Fitaria Filmes, 2015. P&B.

O RAP e a Mídia. Direção de Juliana Caroline e Pamella de Souza. São Paulo, 2014. P&B.

PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário: história, identidade, tecnologia**. Lisboa: Editora Cosmos, 1999.

ROCHA, Willian Fernando Porto da et al. **RAP E IMPOSIÇÃO SOCIAL: CAMINHOS DE IDENTIFICAÇÃO E EXPRESSÃO DO CONHECIMENTO POR MEIO DA**

MEDIAÇÃO ARTÍSTICA. In: FORMAÇÃO PARA MUDANÇAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO: POLÍTICAS, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E PRÁTICAS, 4., 2013, Curitiba. **Anal.** Curitiba: Champagnat, 2013. v. 1, p. 1 - 18. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25016_13493.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2019.

RODRIGUES, Lucas de Oliveira. "**Identidade cultural**"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/identidade-cultural.htm>. Acesso em 21 de outubro de 2019.

SILVA, J. C. G. **Rap na cidade de São Paulo**: música, etnicidade e experiência urbana. Tese (doutorado) - Universidade estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências humanas, Campinas, SP, 1998.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; SIQUEIRA, Euler David de. **A cultura no jornalismo cultural**. 2007. 12 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

ANEXOS

Anexo 1 – Autorização de imagem e áudio

Entrevistado: Braille

AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu TEOM CARLOS ANTONIO SILVA portador do RG Nº 52.708.961-8 e CPF Nº 466.995.169.23 autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções, em programas da TV Mackenzie, em programas de outras emissoras, e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 21 de 11 de 2020.

Teom Carlos Antonio Silva
Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

CCL – Centro de Comunicação e Letras
Rua Paul, 143 – 2 andar – CEP: 01241-001 – Higienópolis – São Paulo – SP
ccl@mackenzie.br – www.mackenzie.br – Fones: 2114-8320 / 8111 / 8736

Anexo 2 – Autorização de imagem e áudio

Entrevistado: DJ Zarif

AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu DJ Henrique D. Zarif portador do RG Nº 50.335.463-6 e CPF Nº 466.681.981.64 autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções, em programas da TV Mackenzie, em programas de outras emissoras, e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 18 de Outubro de 2020.

DJ Henrique D. Zarif
Cedente


Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

CCL – Centro de Comunicação e Letras
Rua Paul, 143 – 2 andar – CEP: 01241-001 – Higienópolis – São Paulo – SP
ccl@mackenzie.br – www.mackenzie.br – Fones: 2114-8320 / 8111 / 8736

Anexo 3 – Autorização de imagem e áudio

Entrevistado: Samuca



AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, Romualdo Machado Francisco portador do
RG Nº 29.589.694-3 e CPF Nº 126.120.349-70
autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como todos os seus efeitos
patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a
Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização –
sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em
programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação;
sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual
assinou esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente,
juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 18 de 11 de 2020

Romualdo Machado Francisco
Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

CCJ – Centro de Comunicação e Letras
Rua Piauí, 142 – 2º andar – CEP: 01241-001 – Higienópolis – São Paulo – SP
www.ipema.br – www.cclm.org.br – Fones: 2114-9320 / 8111-1876